

NÓS NÃO É O PLURAL DE EU

Espiritismo, alteridade e diálogo

Luiz Signates

Uma das coisas mais interessantes que tenho aprendido, estudando filosofia da alteridade, é o alcance e a profundidade de uma frase de Emmanuel Lévinas, o principal filósofo desse campo de estudos: “**Nós não é o plural de eu**”.

Esta frase nada tem a ver com gramática. Tem, sim, um vasto alcance ético-filosófico, pois, ao dizermos “nós”, incluindo outros em qualquer atividade relacionada conosco, isso significa que eles são não o múltiplo do que somos, e sim aquilo que os singulariza: são efetivamente “outras pessoas”, diferentes de nós.

Mas o alcance dessa idéia não pára por aí. A noção de “outro” é extremamente fecunda, indo muito além do individualismo. “Outro” não é simplesmente “outro indivíduo”: filosoficamente, é tudo aquilo que difere do “eu”. É, então, presença de alteridade: diferença, estranheza, novidade, contrariedade, infinitude, ignorância. Assim, quando algo ou alguém me é distinto, estranho, novo, contrário, desconhecido ou incompreensível, ele me é “diferente” naquilo que se revela como tal.

O mais importante nesse raciocínio, porém, não é a obviedade de seu conteúdo (os outros são diferentes de mim), e sim o fato ético gerado a partir dessa constatação, e usualmente esquecido: diante da diferença do outro, eu sou **convocado** a uma atitude. Essa atitude, ao mesmo tempo que me **revela** (mostra quem eu de fato sou), me torna **responsável** (eu me ligo ao outro, por meio dela).

Diante do outro, enfim, posso ter diferentes atitudes. Posso ser indiferente: sequer notá-lo, tão diferente se manifesta. É o caso do desconhecido

com quem cruzamos na rua, cuja diferença é de tal forma radical que ele nos parece tão igual a qualquer um, e não lhe damos atenção a ponto de nos importarmos com sua diferença. Caso o note, posso rejeitá-lo, sob vários pretextos, todos “justificados” na diferença dele. As manifestações de ostracismo, excomunhão, racismo e assassínio são alguns desses modos de rejeição. Posso, ainda, tolerá-lo, apesar de não o aceitar tal como se apresenta (isto é, com sua diferença), atitude que se pode tipificar em competição, autoritarismo, escravidão, intolerância (que é “tolerar”, no mau sentido) e até em busca da conversão (religiosa ou não), que só aceita o outro se ele deixar de ser “outro”, desistindo do que o faz diferente.

Emmanuel Lévinas, o principal filósofo do tema alteridade, construiu a frase “nós não é o plural de eu”.

Todas essas atitudes, em termos éticos, se baseiam num único pressuposto: a diferença do outro é ameaça para mim, portanto, devo negá-la, pela indiferença, pela violência ou pela recusa. Nenhuma, por isso, é **diálogo**. E, menos ainda, **fraternidade**. A fraternidade e o diálogo implicam: não ser indiferente ao outro, mas não apenas isso. Também aceitar pacificamente a presença da diferença do outro, mas não só. Deve a diferença do outro ser vista como possibilidade de aprendizado para o eu, mas não basta. É preciso amá-lo, na diferença dele, e não simplesmente “tolerá-lo”.

É essa inteira dependência que a fraternidade e a dialogicidade têm da atitude ética diante das diferenças, que as fazem tão raras e frágeis em nosso mundo. Porque ambas são, na verdade, práticas, e não meros conceitos. Não é incomum, nos meios filosóficos e religiosos, falar-se de fraternidade... de modo antifraterno. No espiritismo brasileiro, por exemplo, a maioria das atitudes de “defesa da pureza doutrinária” inclui-se no caso em que a prática da fala acaba negando os seus próprios conteúdos, deixando-os vazios de consistência ética.

Não se pode legitimamente falar de espiritismo sem praticar sua ética, o que nos traz a convicção de que fraternidade e diálogo são elementos que pragmaticamente o caracterizam. Assim, pensar nas diferenças existentes dentro e fora do meio espírita e nas atitudes que tomamos diante delas é pensar na própria condição de possibilidade do espiritismo – não apenas crido, mas praticado. Não por outra razão, Jesus Cristo determinou que seus discípulos seriam conhecidos não pelo que cressem ou soubessem, e sim pela capacidade de amar que demonstrassem.